



**ATÉ QUE PONTO O *BULLYING* INFLUENCIA O AUMENTO DA
DEMANDA POR EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?**

TO WHAT EXTENT THE BULLYING INFLUENCE THE INCREASED
DEMAND FOR YOUTH AND ADULTS EDUCATION?

¿EN QUÉ MEDIDA LA INFLUENCIA DEL INTIMIDACIÓN AUMENTO
DE LA DEMANDA DE EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS?

Márcio Jacometti¹
Luciano Blasius²
Márcio José Polido³
Murilo Martins de Andrade⁴

RESUMO: Este artigo tem por objetivo descrever o processo de *bullying* que ocorre nas escolas como possível causa da evasão escolar e do aumento da demanda por Educação de Jovens e Adultos (EJA) observada no contexto educacional brasileiro atual, de modo a buscar uma resposta ao questionamento aventado. Trata-se de um ensaio teórico-empírico descritivo, que utiliza fontes secundárias e a experiência de vida dos pesquisadores sobre *bullying* para compor a análise. Evidenciou-se que a escola pública está longe de ser um espaço democrático, sendo muitas vezes um ambiente hostil que desestimula a permanência dos alunos no ensino regular. Por outro lado, existem muitos educadores preocupados em consolidar a escola como um local de bem-estar, que combate a violência e forma novos cidadãos, visualizando a EJA como uma forma de reverter o processo de evasão e *bullying*. A partir dessas constatações, o artigo explora possíveis causas da evasão e da demanda pela EJA e recomenda novas pesquisas para esclarecer essas questões e as consequências do processo de *bullying*.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Evasão escolar. Educação de jovens e adultos. Demanda.

ABSTRACT: This article aims to describe the process of bullying occurring in schools as a possible cause of school dropout and increasing demand for youth and adult education (YAE) observed in the current Brazilian educational context, in order to seek an answer to the question mooted. This is a theoretical and empirical descriptive essay that uses secondary sources and the life experience of the researchers on bullying to make the analysis. It was shown that public schools are far from being a democratic space always being a hostile environment that discourages the retention of students in regular education. Moreover, many educators are anxious to consolidate the school as a place of wellness, that fighting violence and form new citizens, visualizing the YAE as a way to reverse the process of evasion and bullying. Other researches suggest that the influence of bullying on school

¹ Mestre e Doutor em Administração pela Universidade Federal do Paraná. Professor de Gestão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Cornélio Procópio (PR). E-mail: jacometti@utfpr.edu.br

² Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor da Academia Policial Militar do Guatupê da Polícia Militar do Paraná, Curitiba (PR). E-mail: lucianoblasius@yahoo.com.br

³ Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Cornélio Procópio. Professor do Colégio Agrícola Estadual Fernando Costa e Advogado em Santa Mariana (PR). E-mail: marcio.polido@ibest.com.br

⁴ Doutor em Administração pela Universidade Federal do Paraná. Diretor da Faculdade Educacional de Araucária (PR). E-mail: murilofacear@hotmail.com

Submetido em: 16/06/2014 – **Aceito em:** 30/07/2014.

dropout is discrete. From these findings, the paper explores possible causes of truancy and the demand by YAE and recommends further research to clarify these issues and the consequences of the bullying process.

KEYWORDS: Bullying. School dropout. Youth and adults education. Demand.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo describir el proceso de acoso que se produce en las escuelas como posibles causas del absentismo escolar y el aumento de la demanda de educación de jóvenes y adultos (EJA) observada en el actual contexto educativo brasileño, con el fin de buscar una respuesta a la cuestión debatida. Este es un ensayo teórico descriptivo-empírico que utiliza fuentes secundarias y la experiencia de vida de los investigadores sobre el acoso escolar para componer el análisis. Resultados: Es evidente que la escuela pública está lejos de ser un ambiente democrático y que a menudo desalienta a la retención de los estudiantes en la educación regular. Por otro lado, muchos educadores están interesados en la consolidación de la escuela como un lugar de bienestar, para combatir la violencia y formar nuevos ciudadanos, viendo la EJA como una forma de revertir el proceso de la evasión y la intimidación. A partir de estos hallazgos, el artículo explora las posibles causas de la deserción escolar y la demanda por EJA y recomienda más investigaciones para aclarar estas cuestiones y las consecuencias del proceso de acoso.

PALABRAS CLAVE: Evasión. Absentismo escolar. Educación de jóvenes y adultos. Demanda.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda um tipo de violência nas escolas que na literatura é referido como *bullying*. Pela dificuldade de tradução dessa palavra para uma com o mesmo significado na língua portuguesa foi utilizado o termo original. Para facilitar a compreensão desse conceito pode-se designá-lo “provocação/vitimização” ou “intimidação”, apesar de nos trabalhos de Pereira, Almeida e Valente (1994) ter sido designado como “agressividade/violência”. Estudos empíricos sobre *bullying* no contexto escolar brasileiro têm sido pouco abordados, pois as escolas, na sua maioria, não admitem que esse fenômeno social ocorra em suas dependências e não autorizam publicações explícitas sobre a temática. Além disso, o envolvimento dos pais ou responsáveis para refletir sobre o problema ainda é incipiente e as escolas, que não sabem lidar com essas situações de violência, muitas vezes acabam reforçando ainda mais o desajuste dos alunos. Dessa forma, muitos destes alunos acabam por serem excluídos da escola regular na idade ideal de cursá-la, voltando mais tarde aos bancos escolares. Tal fato tem se manifestado mundialmente, apresentando sérias implicações para a vida em geral e para a prática pedagógica das escolas.

As sondagens escolares mostram que existe *bullying* nas escolas de todos os países. O padrão de incidência difere pouco de região para região e de país para país. Alguns alunos têm mais tendência do que outros a se tornarem vítimas. Olweus (1993, 1994) constatou que

um em cada sete alunos das escolas norueguesas esteve envolvido em ações de *bullying*, quer como vítima quer como responsável por atos de violência. Estudos feitos em vários países revelam que os comportamentos de *bullying* são comuns (BOSWORTH; ESPELAGE; SIMON, 1999) e que pelo menos 15% dos estudantes estão envolvidos nesses comportamentos (SUDERMANN et al., 1996). Os pesquisadores observam também que quando a intimidação acontece, muitas vezes não é denunciada. Diversas investigações indicam que os rapazes estão envolvidos em casos de *bullying* mais frequentemente do que as meninas, como vítimas e como provocadores, (KUTHER; FISHER, 1998; MATOS; CARVALHOSA, 2001; OLWEUS, 1994). A frequência do *bullying* diminui com o aumento dos anos de escolaridade (DEHAAM, 2007; OLWEUS, 1993; SALMON; JAMES; SMITH, 2007) e os alunos mais novos geralmente são mais vítimas, e a frequência de serem ameaçados diminuiu conforme aumentou a idade (MATOS; CARVALHOSA, 2001; OLWEUS, 1994; SULLIVAN, 2000). Embora seja objeto de estudos sérios no exterior, o *bullying* ainda é pouco investigado no Brasil. O presente artigo investiga de que forma ele pode estar influenciando a evasão escolar e o notório aumento da demanda⁵ pela EJA no atual contexto educacional brasileiro. Para tanto, a próxima seção apresenta a metodologia utilizada na pesquisa.

2 METODOLOGIA

O trabalho utilizou dados de fontes secundárias para apresentar conceitos e características do processo de *bullying*, suas consequências e as possíveis ações para a administração do fenômeno nas escolas. Caracteriza-se como um estudo teórico-empírico descritivo que, segundo Lakatos e Marconi (1999), delinea o que é estudado, abordando quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente. As observações dos pesquisadores sobre os processos de *bullying* ao longo de suas experiências vividas⁶ foram úteis para o processo de análise do

⁵ Segundo a pesquisa de Paiva, Machado e Ireland (2007, p. 19) financiada pelo MEC, “embora nem sempre se disponha de estatísticas confiáveis, constata-se que os programas de EJA têm sido crescentemente procurados por um público heterogêneo, cujo perfil vem mudando em relação à idade, expectativas e comportamento. Trata-se de um jovem ou adulto que historicamente vem sendo excluído, quer pela impossibilidade de acesso à escolarização, quer pela sua expulsão da educação regular ou mesmo da supletiva pela necessidade de retornar aos estudos. Não é só o aluno adulto, mas também o adolescente; não apenas aquele já inserido no mercado de trabalho, mas o que ainda espera nele ingressar; não mais o que vê a necessidade de um diploma para manter sua situação profissional, mas o que espera chegar ao ensino médio ou à universidade [...]”.

⁶ Segundo Silva (2010, p. 272), “o desenvolvimento de uma pesquisa utilizando a fenomenologia como método para compreender os significados das experiências vividas se configura como um ‘olhar’ sobre o fenômeno que

fenômeno, levando em conta a adoção da EJA como modalidade da educação básica⁷ pelo Ministério da Educação (MEC), a partir da aprovação da LDB em vigor no país (BRASIL, 1996).

Segundo Van Manen (1990, p. 35-51), a natureza da experiência vivida é carregada de significados que podem ser desvelados de forma reflexiva e para a fenomenologia, existe uma série de especificidades que contribuem para compreender esses significados. Entre elas, levou-se em conta que as experiências vividas pelos quatro pesquisadores nas escolas em que atuaram têm uma estrutura temporal e que nunca podem ser compreendidas na sua manifestação imediata, mas a partir da reflexão sobre experiências passadas. O conjunto dessas experiências forma o sistema de experiências relacionadas contextualmente e que foram observadas pelos pesquisadores num processo de reflexão de significados para identificar os tipos de *bullying* e analisar seus rebatimentos sobre a evasão escolar e o aumento da demanda por EJA.

A pesquisa descritiva envolve o exame de um fenômeno para defini-lo de maneira ampla. Nesse tipo de pesquisa, as informações são registradas, analisadas e correlacionadas, sem serem manipuladas. A própria natureza deste trabalho direcionou para o método de pesquisa bibliográfica com utilização da experiência dos pesquisadores, na qualidade de educadores observadores de situações de *bullying* para descrever o problema e dimensionar propostas de solução. A pesquisa foi realizada no período de março de 2007 a dezembro de 2008, sendo que as observações foram feitas com base nas experiências vividas pelos pesquisadores em relação ao *bullying* nas escolas em que atuaram e no surgimento da modalidade EJA. Tal técnica se aproxima da observação direta, mas em retrospectiva, que possibilita a coleta de dados por meio dos sentidos e que os pesquisadores recorram a conhecimentos e experiências pessoais no processo de compreensão do fenômeno, de modo a levantar impressões comuns. “As provas observacionais são, em geral, úteis para fornecer informações adicionais sobre o tópico que está sendo estudado” (YIN, 2001, p. 115).

tem na experiência vivida uma fonte rica para a reflexão de temas relevantes, como o medo, o conflito, o tempo, o poder, as relações interpessoais, o estresse, a dor, o ódio, o trauma, o sofrimento, a inveja, a vingança, [o *bullying*], entre outros”.

⁷ A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional insere a EJA como uma modalidade da Educação Básica. Em seu Art. 4.º, incisos I e VII, ela determina que: “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; [...] VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996).

Os dados secundários foram obtidos de obras de autores que desenvolveram pesquisas sobre *bullying*, entre eles, Carvalhosa, Lima e Matos (2001), e Pereira (2002), com estudos em escolas públicas portuguesas; Abramovay e Rua (2002), que desenvolveram pesquisa sobre escola e violência, analisando questões sociais, possibilitando reflexões e iniciativas para prevenção do problema; Camacho (2000), que pesquisou sobre a violência e a indisciplina nas práticas escolares de adolescentes de classe média, a fim de compreender a violência que praticam no interior das escolas; e Olweus (1991, 1993, 1994), que estudou o *bullying* em escolas suecas e norueguesas. Assim, por meio desses e de outros estudos buscou-se oferecer subsídios para a compreensão do fenômeno, bem como apresentar propostas de ação que possam amenizar o problema de violência nas escolas e da evasão escolar consequente, identificando possíveis alternativas para prevenir as atitudes de *bullying* nas escolas para se pensar em melhorias na gestão educacional e atratividade da EJA. A próxima seção apresenta algumas formas de se classificar os tipos de *bullying* identificados na literatura.

3 BULLYING COMO VIOLÊNCIA: TIPOS

Facilmente conceitua-se violência, pensando apenas nas transcrições existentes nos dicionários. Com certeza os conceitos expressos são apresentados como a qualidade ou ato do violento, ato de violentar, de constrangimento físico ou moral, uso da força e coação. Entretanto, esse conceito é desprovido das reais percepções que as violências possuem, tornando-se apenas letras articuladas sobre papel ou tela, não tendo assim o real valor existente nas expressões e manifestações de violências vividas pela sociedade em geral. Assim, além do conceito registram-se outras percepções que o complementam.

Primeiro, há necessidade de se diferenciar agressividade de violência. Enquanto a agressividade é percebida como instinto, manifestação de defesa inata – e que assegurou a sobrevivência da raça humana –, a violência traz consigo a digital clara da intenção e da vontade do ato (BLASIUS; ASINELLI-LUZ, 2009). Importante também deixar claro que essa intenção e vontade não precisam ser reconhecidas pelo autor, mas por quem vê ou recebe o ato (COSTA, 1986). Nesse sentido, acentua-se a necessidade de que a diferença entre um e outro comportamento reside no desejo do autor de cometer o ato, associado à percepção e ao reconhecimento desse ato de violência por quem recebe e o acompanha. A negação pelo autor do desejo é fator constante nas ações de violências, mas não basta para descaracterizar sua

ação. As violências estão tão presentes em nosso cotidiano que se tornam “naturais”, à beira da naturalidade. Elas crescem, proliferam e começam a pertencer àquela cultura e sociedade como algo banal. Isso se potencializa quando se percebe que “as crueldades mais apavorantes se articulam com a violência escondida e naturalizada do cotidiano” (BOULDING, 1981). Isso também pode acontecer nas escolas. Seja em palavra ou em comportamento, diariamente temos manifestações “leves” das violências perpassando o ambiente escolar.

Quando se relata que essas violências ocorrem na escola deixa-se claro que podem ocorrer com todos os atores do ambiente educacional. Apelidos trocados entre discentes e rótulos postulados de docentes aos discentes, de forma isolada ou coletiva, são apenas dois exemplos explicitados. Muitos outros poderiam ser aqui apresentados, entretanto, o que importa não é o que é feito, mas simplesmente o fato de que essas violências estão presentes nas escolas. Aliados a esses, há outros atos que ocorrem fora da escola, mas interferem em todo o processo educacional, com reflexos no indivíduo de forma sistêmica. Violência gera violência, aquilo que o estudante recebe em casa, na família, na rua e com seus pares será manifestado na sua conduta e, portanto, no ambiente escolar. Segundo Schelb (2004, p. 11-12) uma “pesquisa realizada no Brasil com adolescentes violentos, autores de homicídios, estupros e roubos, revelou que 80% foram vítimas de graves abusos físicos, sexuais e psicológicos na infância ou adolescência”.

Nesse contexto, tal comportamento violento, direcionado a crianças e adolescentes, não é regional, mas ocorre em todo o Brasil, em todas as classes, não estando ligado somente a questões sociais, mas a uma cultura machista, ao preconceito racial (principalmente) e à ideia errônea de que o “adulto tem poder sobre a criança e o adolescente” (FÁTIMA, 2007, p. 12). As violências instaladas em toda a sociedade afetam-na de forma sistêmica e sua (re)produção torna-se quase que inevitável e indissociável ao ambiente escolar, uma vez que nele os estudantes passam grande parte do seu tempo, sentem-se pertencentes ao espaço e aos diversos grupos em que se inserem. Entretanto, esse mesmo espaço de pertencimento torna-se de exclusão, à medida que manifestações de preconceito se apresentam como verdadeiras violências, manifestação clara de desrespeito às nossas igualdades e de valorização das nossas diferenças. Preconceito é entendido aqui como ato de valorização das diferenças em detrimento às nossas igualdades. Todos somos seres humanos com nossas similaridades, igualdades e pertinências; mas ao mesmo tempo, somos diferentes, singulares e portadores exclusivos de digitais únicas. Quando se desvaloriza estas em prol daquelas, aparecem os

preconceitos que surgem como epidemia, como pandemia que ultrapassa as fronteiras de países e toma conta de continentes. Algumas minorias estão mais expostas à discriminação e ao preconceito, como se vê na afirmação de Bondaruk (2005, p. 86):

Essa discriminação vai além de meras demonstrações de má vontade contra essas pessoas, chegando a casos de agressões com gravidade variável e, até mesmo, morte de representantes desses grupos, sem que tenha havido por parte desses, em muitos casos, a prática de atos que justificassem tais agressões. Esse problema não é de hoje e nem está restrito às fronteiras do nosso país, estando a História universal recheada por eventos que revelam a incapacidade do ser humano em aceitar a grande diversidade que compõe a raça humana.

Nesse espaço físico, quase que como consequência do preconceito, há evidências de um comportamento que está no dia a dia tomando proporções pandêmicas: o *bullying*. Olweus (1991) define *bullying* como um fenômeno de vitimização (molestamento, intimidação, ameaça, provocação), repetidamente e ao longo de um tempo, que expõe uma pessoa a ações negativas por parte de um ou mais indivíduos. Segundo Beane (2010), o *bullying* pode ser dividido em comportamentos físicos, verbais, sociais e relacionais.

Assim, o *bullying* tornou-se uma característica comum da vida diária. Pode ocorrer no local de trabalho, em casa, nas prisões e em outros locais, mas é muito mais frequente nas escolas. O conceito apareceu como resposta à necessidade de se caracterizar um tipo particular de violência ou de agressão que ocorre na escola. Segundo Olweus (1993), um aluno está para ser vítima de *bullying* quando está exposto, repetidamente e ao longo de um tempo, a ações negativas por parte de uma ou mais pessoas. A maioria dos autores faz uma distinção entre os tipos de intimidação (*bullying*), conforme mostra o Quadro 1, que também apresenta alguns exemplos de situações de *bullying* que podem ocorrer nas escolas.

Uma ação de provocação pode ocorrer quando um aluno mais velho ou mais forte faz coisas desagradáveis a outro ou quando o provocador incentiva outros alunos a se juntarem a ele para humilharem e ridicularizarem uma vítima. Geralmente não são os da mesma idade ou tamanho que se envolvem numa discussão ou briga. Considera-se uma ação negativa quando alguém intencionalmente causa ou tenta causar danos ou mal-estar a outra pessoa (OLWEUS, 1994). Esse repetido importunar pode ser físico, verbal, psicológico e/ou sexual.

QUADRO 1 – Tipos de *Bullying*

Tipos de <i>Bullying</i>	Situações que caracterizam <i>bullying</i>
Violência verbal emocional	- Ofensas verbais, impropérios, blasfêmias, insultos, comportamento ameaçador ou atitudes violentas, assédio moral, abuso de poder.

	- Olhar ameaçador, obrigar os outros a aceitar a sua opinião ou impor a alguém a sua vontade.
Violência física	- Agressão física, safanão, encontrão, carolos, espancamento, ameaça com armas, assassínio.
Violência racial/étnica, sexista, religiosa e homofóbica	- Comentários preconceituosos, insultos, crueldade psicológica, ameaças, assédio sexual, ostentação física, calúnia, exclusão, ostracismo, perseguição, assassínio.

Fonte: elaborado a partir de Olweus (1994).

Os comportamentos incluídos como *bullying* são muito diversos. Numa análise mais detalhada, incluem-se comportamentos associados à violência física:

Bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros. Empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente. Chutar. Tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences. Restringir. Beliscar. Enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário. Enfiar outra criança no armário. Atacar com comida, cuspe e assim por diante. Ameaças e linguagem corporal intimidadora (Beane, 2010, p. 19-20).

Já os comportamentos de *bullying* verbal encontram identificação com “apelidos ofensivos. Comentários insultuosos e humilhantes. Provocação repetida. Comentários racistas e assédio. Ameaças e intimidações. Cochichar sobre a criança pelas costas” (*idem*, p. 21). Finalmente as manifestações de *bullying* social e relacional podem ser identificadas pelas ações de:

Destruir e manipular relacionamentos (por exemplo, jogando melhores amigos um contra o outro). Destruir reputações (focar, espalhar rumores maliciosos e cruéis e mentir sobre outras crianças). Excluir o indivíduo de um grupo (rejeição social, isolamento). Constrangimento e humilhação. Linguagem corporal negativa, gestos ameaçadores. Pichação ou bilhetes com mensagens ofensivas. *Cyberbullying* (feito em páginas na *web*, *e-mail*, mensagens de texto e assim por diante) (*ibidem*, p. 22).

Em acelerado crescimento está também o *bullying* estético, principalmente aquele direcionado à obesidade infantojuvenil, que está em crescimento geométrico, evidenciado pela falta de alimentação saudável, associada à falta de hábitos alimentares e comportamentais adequados, e ao sedentarismo da vida moderna. Os comportamentos acima descritos e outros são frequentemente encontrados nas escolas, aparecendo então manifestações de violência, que são concretizadas e trazidas à realidade. Assim, de comportamentos gerais de violência chegamos aos comportamentos mais específicos e restritos ao ambiente escolar. Outra forma é a existência de violência por parte de professores contra alunos, exercida por meio de castigos, punições e maus-tratos.

Olweus (1993, 1994) distingue, ainda, o *bullying* direto, que envolve ataques abertos à vítima, do *bullying* indireto, como forma de isolamento social ou exclusão intencional do grupo. O *bullying* pode ser conduzido por um indivíduo – o provocador – ou por um grupo. O alvo do *bullying* também pode ser um indivíduo – a vítima – ou um grupo. *Bullying* consiste, portanto, em usar poder ou força para intimidar ou perseguir outros. As vítimas de intimidação e chantagem recorrente são normalmente pessoas sem defesas ou incapazes de motivar outras para agirem em sua defesa.

Na escola, a agressividade adquire diversas formas, dos maus-tratos pessoais à intimidação psicológica e ao isolamento social entre pares. Dessa forma, há situações em que um ou vários alunos decidem agredir injustamente outro colega e o submetem, por períodos prolongados, a uma ou várias formas de agressão: corporal, extorsão de dinheiro ou ameaças. É praticado sobre crianças ou jovens mais inseguros, mais fáceis de amedrontar e/ou que têm dificuldades em se defenderem ou pedir ajuda (SMITH, 2002; PEREIRA, 2002; DEBARBIEUX, 2004). Assim, o *bullying* entre estudantes é um problema universal, tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado. Estudos realizados nas duas últimas décadas demonstraram que a sua prática pode ter consequências negativas imediatas e tardias para todas as crianças e adolescentes que estão direta ou indiretamente envolvidos (LOPES NETO, 2005). Vários outros trabalhos (ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008; MILAN, 2009; GOMES, 2009; LOPES NETO, 2005) também demonstram que a prática do *bullying* ocorre principalmente nos colégios e uma das suas consequências estaria relacionada com a evasão escolar. Dessa forma, na próxima seção, são discutidas as possíveis causas da evasão escolar e do aumento da demanda pela EJA.

3.1 *Bullying, Evasão Escolar e Demanda pela EJA: Existe Relação?*

A primeira pergunta que se faz é se o *bullying* pode ser considerado um elemento que causa evasão escolar. Quais são as razões para que um aluno saia da escola? Grande parte da evidência empírica demonstra que a evasão escolar e a pobreza estão intimamente ligadas e que o trabalho infantil prejudica a obtenção de melhores níveis educacionais. A segunda questão, diz respeito a se os rebatimentos do *bullying* influenciam o aumento da demanda pela EJA nas escolas brasileiras? Em primeiro lugar, as verdadeiras motivações que levam o aluno a abandonar a escola apontam para uma diversidade e complexidade de fatores, ligados ao psiquismo do aluno (forma como ele interage com o ambiente, o modo como são

estabelecidas as relações com o saber e aprender, além do vínculo com o conhecimento, seu relacionamento com professores e colegas, suas relações familiares e sociais, etc.); à estrutura da escola (as características, modelo pedagógico, perfil dos professores, etc.); a uma dimensão social ampla (políticas públicas de educação); e a secular desigualdade econômica e social da sociedade brasileira.

Torna-se, pois, difícil delimitar as responsabilidades dos fenômenos ligados à evasão escolar, porque o problema é complexo e se produz no resultado de um conjunto de fatores que atuam de modo coordenado, já que nenhum deles tomado isoladamente o conseguiria provocar (Brasil, 2006).

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicou em 2009 uma pesquisa intitulada *Motivos da evasão escolar*, em parceria com o movimento Todos Pela Educação, que traz diversas contribuições. Nesse trabalho, foram analisados os microdados de 2006 dos Suplementos de Educação das Pesquisas Nacionais por Amostra e Domicílios, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE). Nessa pesquisa, constata-se que apenas 27,1% declaram que estão fora da escola por “necessidade de trabalho e geração de renda”; 10,9% alegam que a dificuldade de acesso à escola é a razão para não frequentá-la; e 62% revelam falta intrínseca de interesse ou outros motivos (CPS/FGV, 2009).

O problema da evasão escolar é maior ainda com o crescimento da faixa etária dos estudantes. No grupo de 10 a 14 anos, apenas 2,7% dos jovens estão fora da escola contra 17,8% do grupo de 15 a 17 anos. A juventude é aquela fase intermediária da vida, situada na transição da criança para o mundo adulto, idealmente do estudo ao trabalho (CPS/FGV, 2009). Dessa forma, aos 13 anos de idade a proporção que frequenta a escola é de 97%, caindo para 74% aos 17 anos, e 53% aos 18 anos de idade e daí vai caindo lentamente até atingir 10% aos 30 anos de idade. Já a proporção de pré-adolescentes que trabalham segue o sentido inverso, sendo de 10% aos 13 anos de idade e de 37% aos 17 anos, aumentando para 54% já aos 18 anos de idade e daí cresce, de forma lenta, até atingir 74% aos 30 anos de idade (CPS/FGV, 2009). Segundo Ceratti (2008), o resultado do fracasso escolar é o produto da interação de três tipos de determinantes: (1) psicológicos, referentes a fatores cognitivos e psicoemocionais dos alunos (BRASIL, 2006); (2) socioculturais, relativos ao contexto social do aluno e as características de sua família. (OLIVEIRA, 2001); e (3) institucionais, baseados na escola, tal como, métodos de ensino inapropriados, currículo e políticas públicas para a educação (AQUINO, 1997).

Percebe-se que a parcela de *bullying* como uma das razões para a evasão poderia ser enquadrada nas dificuldades dos alunos, nos determinantes psicológicos ou ainda em outros motivos a serem explorados e merece ser mais bem investigada. Nas pesquisas realizadas sobre as causas da evasão escolar, não há uma identificação dos processos de *bullying* para que os respondentes pudessem identificá-los. Assim, quando o respondente opta por assinalar outros motivos ou falta intrínseca de interesse, por exemplo, para o abandono, não se consegue identificar a verdadeira causa. Dessa forma, de acordo com a pesquisa da FGV (2009), os 62% que escolheram essa alternativa deveriam especificar o que realmente motivou neles a evasão. Ou seja, o *bullying* poderia estar incluído nesse percentual de 62% de pessoas que abandonaram a escola e declararam falta de interesse ou outras motivações, porém a pesquisa não consegue definir com mais precisão ou clareza nessa parcela qual foi a real causa da desistência escolar.

Entretanto, com base na experiência de vida dos pesquisadores, constatou-se que, geralmente, as situações de *bullying* não provocam evasão escolar de imediato, visto que essas situações são suportadas pelas vítimas de *bullying* que tentam conviver com as ocorrências ao longo do tempo. Em alguns casos, ocorre a transferência de escola, mas não o abandono. Outra questão que merece ser investigada é se o *bullying* atuaria como a gota d'água para que a evasão ocorresse e de que forma ele contribui para aumentar a demanda pela EJA.

Assim, a presente pesquisa, ao definir uma tipificação para as diversas situações de *bullying*, contribui para auxiliar a elaboração de questionários de pesquisas futuras que se preocupem em identificar as verdadeiras causas da evasão escolar e do aumento da demanda por EJA, quando estas não são claramente percebidas. Além disso, a prevenção do *bullying* constitui uma medida necessária de saúde pública, capaz de possibilitar o total desenvolvimento de crianças e adolescentes, habilitando-os para uma convivência social sadia e segura (LOPES NETO, 2005). No Brasil, a evasão escolar é um grande desafio para as escolas, pais e para o sistema educacional. Segundo dados do Inep, de 100 alunos que ingressam na escola na 1.^a série, apenas cinco concluíam o ensino fundamental de então, ou seja, apenas cinco terminam a 8.^a série (BRASIL, 2009).

Segundo Pacievitch (2009), em 2007, 4,8% dos alunos matriculados no Ensino Fundamental abandonaram a escola. Embora o índice pareça pequeno, corresponde a quase

um milhão e meio de alunos. No mesmo ano, 13,2% dos alunos que cursavam o Ensino Médio abandonaram a escola, o que corresponde a pouco mais de 1 milhão de alunos. Muitos desses alunos retornarão à escola, mas numa incômoda condição de defasagem idade/série, o que pode causar conflitos e possivelmente nova evasão. A estratégia da nova LDB, ao inserir a EJA como modalidade da educação básica, muito mais do que uma forma de educação compensatória, resgata a oportunidade para que os jovens e adultos, que se evadiram da escola, avancem nos estudos. A seção V (Arts. 37 e 38) da LDB (BRASIL, 1996) trata exclusivamente da EJA e da responsabilidade do Poder Público⁸ por sua viabilização.

Entre os motivos alegados pelos pais ou responsáveis para a evasão dos alunos, são mais frequentes nos anos iniciais do ensino fundamental os seguintes: escola distante de casa, falta de transporte escolar, não ter adulto que os leve até a escola, falta de interesse e ainda doenças, e dificuldades dos alunos (PACIEVITCH, 2009). Ainda de acordo com essa autora, ajudar os pais em casa ou no trabalho, necessidade de trabalhar, falta de interesse e proibição dos pais de ir à escola são motivos mais presentes alegados pelos pais a partir dos anos finais do ensino fundamental (5.^a a 9.^a séries) e pelos próprios alunos no Ensino Médio. Cabe lembrar que, segundo a legislação brasileira, o ensino fundamental é obrigatório para as crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, sendo responsabilidade das famílias e do Estado garantir a eles uma educação integral.

As causas da evasão escolar são variadas. Condições socioeconômicas, culturais, geográficas ou mesmo questões referentes aos encaminhamentos didáticos – pedagógicos – e a baixa qualidade do ensino das escolas podem ser apontadas como causas possíveis para a evasão escolar no Brasil, conforme apontado por Ceratti (2008). Em seguida, são apresentadas as principais formas de *bullying* identificadas por esse trabalho.

3.2 Tipificação da Violência nas Escolas

Praticamente todas as formas de *bullying* podem ser tipificadas no Código Penal (BRASIL, 1940) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Estudos sobre

⁸ A Resolução do CNE/CEB n.º 1, de 05 de julho de 2000, estabelece, em seu Art. 1.º, “as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos a serem obrigatoriamente observadas na oferta e na estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio dos cursos que se desenvolvem, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias e integrantes da organização da educação nacional nos diversos sistemas de ensino”. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

violência escolar devem considerar três componentes: 1) os crimes e delitos; 2) a incivildade e 3) o sentimento de insegurança, resultante dos dois primeiros componentes. Há três concepções de violência: a *violência física*, que inclui a violência sexual; a *econômica*, que se refere aos danos causados ao patrimônio; e a *moral ou simbólica*, que focaliza a ideia de abuso de autoridade e de poder. As violências que podem ocorrer na escola consideram não só agressões físicas a indivíduos, ou sob a forma de vandalismo, mas também as chamadas incivildades em forma de ofensas e humilhações, palavras grosseiras, etc. Destaca-se, ainda, a violência simbólica ou institucional, observada quando ocorre um tipo de ensino desestimulante para o aluno, com matérias e conteúdos desinteressantes e do lado dos professores, o desencanto com o desinteresse dos alunos e a insatisfação profissional.

No Brasil, as abordagens são mais ou menos uniformes. Os trabalhos especificam variadas manifestações de violência nas escolas, que podem ser conjugadas em dois grupos de agressões: as dirigidas ao patrimônio público, como o prédio da escola, e as que têm como alvo as pessoas – alunos, professores, diretores e funcionários. Assim, na sequência, apresenta-se a descrição de alguns dos delitos enquadrados como *bullying* e que podem ser tipificados pela legislação em vigor no país (destacados em negrito). É pertinente ressaltar que todos os delitos descritos foram observados empiricamente pelos pesquisadores nas escolas em que atuaram no período de realização da investigação.

A **agressão física**, por exemplo, ocorre entre alunos que brigam no horário de saída, no entorno da escola, trazendo sérias implicações para a escola que tem que atender o aluno, tratar com a família do agredido e do agressor. Em muitas ocasiões, há lesões graves e o problema é encaminhado para outras instâncias como o Conselho Tutelar ou até mesmo para a Delegacia de Polícia, ficando o gestor da escola de mãos atadas. Já a **agressão verbal** é praticada entre alunos ou entre alunos e profissionais da escola. Geralmente, o palavreado é agressivo e desrespeitoso, chegando diversas vezes ao desacato que podem evoluir para a **ameaça**. Alunos ameaçados têm medo de ir à escola, causando prejuízos para o seu aprendizado, culminando muitas vezes em fracasso e evasão escolar. Professores ameaçados não querem trabalhar nas escolas, pois também sentem medo e temem pela sua segurança quando vão trabalhar. Muitas vezes quando não se sentem seguros abandonam a escola ou faltam constantemente, causando prejuízos para o processo de ensino-aprendizagem.

Tais situações de agressão podem proporcionar ocorrências mais graves como o **assassinato de alunos**, que quando acontece no interior ou nas proximidades da escola,

chama a atenção pela brutalidade⁹. Abramovay (2003, p. 20) assevera que “a violência que mata não é fato corriqueiro na escola”, porém, algumas escolas já passaram por essa situação. De acordo com Zaluar e Leal (1997, p. 41), a presença cada vez maior de traficantes e assaltantes nos centros urbanos é uma realidade inegável. Assim, “os jovens extorquidos e criminalizados pelo uso de drogas, acabam nas mãos de traficantes e assaltantes, ou são vítimas de chacinas que, quando esclarecidas, exibem seus reais motivos: a cobrança de dívidas ou a divisão dos lucros com policiais corruptos”.

O **consumo de drogas** ilícitas na escola tem se constituído num grave problema. Cabe ressaltar que a comunidade escolar imputa parte dos problemas de violência nas escolas aos usuários de droga, entretanto, não há uma relação direta entre ambos. Observa-se, contudo, que o jovem brasileiro está experimentando drogas cada vez mais cedo. Apesar de essa questão não dizer respeito à droga lícita, ou seja, ao cigarro, a Lei Estadual n.º 8.852/88 proíbe fumar em ambientes fechados, porém, muitos funcionários, professores e alunos continuam fumando no interior das escolas, em total desrespeito à lei. Outro exemplo é a **embriaguez** de alguns alunos que tomam bebidas alcoólicas, mesmo sem terem idade para tal. Isso foi observado de diversas formas: (1) alunos que já chegam à escola embriagados e provocam outros distúrbios durante as aulas; (2) alunos que bebem quando saem da escola ou quando gazeiam aula; (3) alunos que consomem a bebida em passeios ou excursões organizadas pela escola; e (4) alunos que misturam bebidas alcoólicas e ficam consumindo mesmo durante as aulas. Bares presentes ao redor da escola facilitam o acesso aos alunos e, embora seja proibida por lei a venda a menores, muitos deles compram-na livremente e chegam embriagados à escola para tumultuar na medida em que estão sem condições de assistirem às aulas. Alguns provocam brigas com os colegas e querem desafiar os professores.

Muitas vezes, a bebida alcoólica é o combustível para provocar **tumulto** nas escolas por meio de brigas entre alunos ou estranhos que se aglomeram ou por gangues que invadem o espaço interno, fazendo arrastões. Muitas situações assim prejudicam o andamento do trabalho pedagógico ou de práticas desportivas. Alunos embriagados ou sob o efeito de drogas também podem tumultuar o ambiente escolar para chamar a atenção para si, assim

⁹ A **posse ilegal de armas** resulta todos os anos, no Brasil, em milhares de homicídios, que são causados pelo uso de armas de fogo, às quais é fácil o acesso. Para conter o alto índice de mortalidade por armas, foi aprovado o Estatuto do Desarmamento (BRASIL, 2003), que entre outras providências, proíbe o comércio de armas para civis e profissionais de segurança pública.

como gangues ao redor da escola que costumam fazer barulho com carros, com fogos de artifício ou tiros para amedrontar a comunidade escolar. A **explosão de bombas e explosivos**, por exemplo, têm feito parte do cotidiano de algumas escolas. Na sua maioria, esses objetos são feitos artesanalmente e colocados pelos próprios alunos. Muitas vezes são postos para chamar a atenção, causam acidentes e machucam alunos, gerando tumultos.

A **invasão do espaço escolar** é outro delito que pode ocorrer durante tumultos. Compreende a entrada no estabelecimento sem permissão com ou sem arrombamento. Ocorrem muitas invasões de gangues para retirar algum aluno de dentro da escola para fazer acerto de contas, bem como de pessoas que invadem nos finais de semana e feriados no período diurno ou noturno, tanto para praticar esportes, quanto para usar drogas, depredar, roubar ou praticar atos sexuais¹⁰. A estrutura de muitas escolas está marcada por **depredações**, assim como mesas, armários, computadores, pias, vasos sanitários, entre outros, além de bens dos profissionais da escola – em especial automóveis. A **pichação**, que também degrada o ambiente escolar representa uma forma de manifesto, denúncia e resistência contra a própria cultura da escola ou contra o sistema social. Observa-se que a escola não é tida como dos alunos, daí o significado esvaziado do bem público, pois quem não se sente cidadão não se sente dono e tampouco responsável. A violência contra o patrimônio público ou privado prejudica e interfere diretamente na qualidade de vida das pessoas. Têm um custo financeiro altíssimo para todas as instituições e pago pela sociedade que ao mesmo tempo é desprovida dos recursos de que necessita no seu cotidiano. Os **furtos e roubos** nas escolas ou nas suas imediações têm se constituído um problema crescente. Quanto aos furtos, observou-se que há uma incidência maior em finais de semana e feriados. Os furtos de objetos da escola causam prejuízos ao trabalho pedagógico uma vez que a escola é desprovida de seus poucos recursos, entre eles, materiais didáticos e merenda escolar. Não menos grave, são as consequências da **negligência** nas escolas. São consideráveis os relatos de pais ou responsáveis que alegam que o filho se feriu em brigas ou acidentes na escola e esta não tomou nenhuma providência. Isso geralmente ocorre em correrias, brincadeiras ou nas aulas de Educação Física. Assim, é fundamental para o profissional da educação conhecer a legislação que lhe ampara e lhe permite tomar providências para lidar com as situações de violência nas escolas, que, conforme relatadas e identificadas pela pesquisa, não são poucas.

¹⁰ Além disso, a prática de **atos obscenos e libidinosos**, nos horários de entrada ou saída das escolas, foi observada com relativa frequência entre os alunos.

4 CONCLUSÕES

A escola, segundo Pereira et al. (1994), deve ser um local de bem-estar e de aprendizagem e uma das principais mobilizadoras no combate ao *bullying*, a fim de formar jovens para o exercício da cidadania. Assim, ao identificar os tipos de *bullying* que ocorrem na escola, a administração escolar deve fomentar os princípios da tolerância, da igualdade, da justiça, bem como da democracia participativa e do desenvolvimento humano, estabelecendo programas que possam combater e prevenir tais situações.

Na presente pesquisa foi possível apresentar uma tipificação para o *bullying*, que contempla as mais diversas situações no contexto das escolas. Novas pesquisas precisam ser realizadas para identificar como as situações de *bullying* afetam os índices de evasão escolar e dificultam a gestão escolar. Este estudo também contribui para auxiliar novas pesquisas neste tema de modo a identificar quais são as consequências das situações de *bullying* e qual é sua contribuição real para compor os índices de evasão e o aumento da demanda pela EJA. Além disso, a pesquisa chama a atenção para o fato de que é necessário estar consciente do impacto negativo que a violência provoca sobre a educação e o de que não é concebível uma educação de qualidade num ambiente escolar violento. É importante entender que a violência é um fenômeno de causas múltiplas, que assume distintas formas, agravadas em contextos de desigualdade e exclusão social. Por isso, faz-se necessário enfatizar estratégias de superação das violências por meio da instauração de políticas públicas e práticas de gestão educacional que transformem as escolas em espaços de convivência das diversidades; e que repudiem a reprodução de estereótipos negativos da infância e da juventude, particularmente das camadas sociais menos favorecidas. A EJA surge como uma oportunidade de resgatar a autoestima dos jovens e adultos de modo a reinseri-los no processo de formação educacional.

Combater e eliminar a violência não é tarefa fácil, pois é um fenômeno complexo, com inúmeras causas determinantes e diversos tipos de manifestações, tendo sempre um indivíduo ou um grupo prejudicado. As escolas devem promover debates e encontros capazes de estimular jovens e casos bem sucedidos de enfrentamento dos problemas escolares. A organização de jovens em grêmios ou entidades legítimas, como clubes de serviços, também deve ser valorizada. O apoio especializado ao processo de implementação de todas essas medidas é necessário e deve ser bastante discutido e fundamentado, para a diminuição do *bullying* nas escolas e conseqüentemente da evasão escolar e da demanda por EJA.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2011.

ABRAMOVAY, Miriam. Escola, violência e fantasia. In: Câmara dos Deputados – Comissão de Educação, Cultura e Desporto. **Violência nas escolas; reprimir, prevenir ou transformar?** Brasília: Câmara dos Deputados, 2003.

ALMEIDA, Kathanne Lopes; SILVA, Anamaria Cavalcante e; CAMPOS, Jocileide Sales. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Revista de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 8-16, 2008.

AQUINO, Júlio Groppa. O mal-estar na escola contemporânea: erro e fracasso em questão. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 91-109.

BEANE, Alan LaVern. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

BLASIUS, Luciano; ASINELLI-LUZ, Araci. Violências: das percepções às ações protetivas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 9., ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC, 2009, p. 11402-11412. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1994_1908.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2010.

BONDARUK, Roberson Luiz. **O império das casas abandonadas: crianças e adolescentes “de rua” e a polícia**. Curitiba: Universitária Champagnat, 2005.

BOULDING, Elise. Las mujeres y la violencia social. In: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. **La violencia y sus causas**. Paris: Unesco, 1981, p. 265-279. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000430/043086so.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

BOSWORTH, Kris; ESPELAGE, Dorothy L.; SIMON, Thomas R. Factors associated with bullying behavior in middle school students. **The Journal of Early Adolescence**, London, v. 19, n. 3, p. 341-362, 1999.

BRASIL. Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Dispõe sobre o Código Penal Brasileiro. In: **JusBrasil**. [<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/91614/codigo-penal-decreto-lei-2848-40>].

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e da outras providências. In: **Presidência da República**. [<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>].

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 27.839, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei n. 10.826, de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, define crimes e dá outras providências. In: **Presidência da República**. [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.826.htm].

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Alunas e alunos da EJA**. Brasília: Coleção: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, 2006.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep). **Sinopse Estatística da Educação Básica 2009**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 28 jan. 2011.

CARVALHOSA, Susana Fonseca; LIMA, Luísa; MATOS, Margarida Gaspar de. **Bullying**: a provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. In: APOSTILA de Análise Psicológica, v. 4 (XIX), p. 523-537, 2001.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. 2000. 256 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da USP, São Paulo.

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Evasão escolar**: causas e conseqüências. (dez., 2008). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

CPS/FGV – CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Motivos da evasão escolar**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www3.fgv.br/ibrecps/TPE/TPE_MotivacoesEscolares_fim.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2011.

DEBARBIEUX, Eric. Estudos comparativos sobre as violências nas escolas da França, Espanha e Brasil. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS, 2004, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2004.

FÁTIMA, Elena de. **Violência sexual na criança e no adolescente**. Rio de Janeiro: Léon Denis, 2007.

GOMES, Clystine Abram Oliveira. **Bullying**: o mal da juventude. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HIPNOSE CLÍNICA E HOSPITALAR. 2., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, p. 130-135, 2009.

KUTHER, Tara L.; FISHER, Celia B. Victimization by community violence in young adolescents from a suburban city. **The Journal of Early Adolescence**, v. 18, n. 1, p. 53-76, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES NETO, Aramis. Bullying comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl., 2005.

MATOS, Margarida Gaspar de; CARVALHOSA, Susana Fonseca. **Violência na escola: vítimas, provocadores e outros**. Lisboa: FMH/PEPT/GPT, 2001.

MILAN, Cléia Garcia da Cruz. Bullying: discussão sobre atitudes escolares. In: CELLI - COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3., 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 221-229.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Mercado das Letras, 2001, p. 15-44.

OLWEUS, Dan. Bully/victim problems among school children: basic effects of a school based intervention program. In: PEPLER, Debra; RUBIN, Kenneth (Ed.). **The development and treatment of childhood aggression**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**. Oxford e Cambridge: Blackwell, 1993.

OLWEUS, Dan. Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. **Journal of Psychology and Psychiatry**, v. 43, n. 7, p. 1171-1190, 1994.

PACIEVITCH, Thais. Evasão escolar. In: INFOESCOLA. **Educação**. 17 set. 2009. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educacao/evasao-escolar/>>. Acesso em: 06 fev. 2011.

PEREIRA, Beatriz Oliveira; ALMEIDA, Ana T.; VALENTE, Lucília. Projecto “bullying”: análise preliminar das situações de agressão no ensino básico. ENCONTRO NACIONAL DE LUDOTECAS E ESPAÇOS DE JOGO AO AR LIVRE, 6., 1994, Lisboa. **Anais...** Lisboa, Portugal: [s.n.], 1994.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia/ Imprensa Portuguesa, 2002.

SALMON, Gilly; JAMES, Anthony, SMITH, David M. Bullying in schools: self reported anxiety, depression, and self esteem in secondary school children. **BMJ**, London, v. 317, 1998.

SHELBY, Guilherme Zanina. **Violência e criminalidade infanto-juvenil: intervenções e encaminhamentos**. Brasília: Ipiranga, 2004.

PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy. **Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004**. Brasília: Secad/MEC e UNESCO, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=657&option=com_docman&task=doc_download>. Acesso em 30 jul. 2014.

SILVA, Anielson Barbosa da. A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: GODOI, Cristiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

SMITH, Peter K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002.

SUDERMANN, Marlies; JAFFE, Peter; SCHIECK, Elaine; WATSON, Lynn; LEHMANN, Peter; GREER, Grace. **ASAP: a school-based anti-violence prevention program**. 2. ed. Ottawa, CA: Centre for Children and Families in the Justice System, 1996.

SULLIVAN, Keith. **The anti-bullying handbook**. Oxford University Press: Auckland, 2000.

VAN MANEN, Max. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. London, Ontário: The Althouse Press, State University of New York Press, 1990.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extramuros e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, v. 12, n. 25, p. 29-47, 1997.

Como citar este documento:

JACOMETTI, Márcio et al. Bullying nas escolas: implicações na educação de jovens e adultos. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 307-326, maio/ago. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6397>>. Acesso em: 29 ago. 2014.